

Conversa entre Luís Lázaro Matos, João Mourão e Luís Silva, a propósito da exposição *Super Gibraltar*, apresentada na Kunsthalle Lissabon em Outubro de 2015.

KL: Super Gibraltar tem como ponto de partida um texto de Ferreira de Castro publicado na revista *A Volta ao Mundo* em 1942, no qual o autor explica de forma eloquente a existência de uma crença que afirma que enquanto o macaco-de-gibraltar se mantiver naquele Rochedo, o território manter-se-á sob domínio britânico. O que é que te interessou neste assunto?

LLM: Após ler o capítulo dedicado a Gibraltar, apercebi-me logo que a superstição que Ferreira de Castro descreve, de que o domínio britânico daquele território está dependente da reprodução de uma espécie de macaco ali existente, pode ser associada ao conceito de *futurismo reprodutor* com que já tinha trabalhado na criação da performance *Voilà! Architecture Manifesto!*. Futurismo reprodutor é um conceito desenvolvido pelo teórico Lee Edelman que propõe, e aqui resumo, uma ideia de futuro assente sobre uma continuidade de reprodução - o que não se reproduz, logicamente não terá futuro. Isto levou-me a ver essa superstição como uma ficção em que o objeto que se reproduz, ao contrário do homem, é um animal irracional, e estando o domínio do território assente sobre a reprodução do macaco, que é uma versão mais primária do homem, o domínio britânico de Gibraltar está ironicamente dependente de uma lógica quase anti-darwinista. Não é o homem que se reproduz e determina a ordem do território, mas sim o seu antecessor, o macaco. Achei interessante re-interpretar a imagem de Gibraltar de acordo com a primazia que é dada ao macaco através desta superstição, ou ficção, como quisermos chamar.

Para além de colocares o futuro do território, através da noção de futurismo reprodutor, nas mãos (ou nas capacidades reprodutivas) do macaco de gibraltar, estes são também objeto de um processo de antromorfização muito concreto. Mais do que simplesmente lhes atribuíres características humanas, defines as suas personalidades, enquanto grupo, de uma forma muito específica: são macacos que usam óculos de sol e ouvem Donna Summer, que gostam de cores vivas, de praia e piscinas. Parece-nos que este projeto se encontra nos antípodas de uma qualquer tentativa de investigação ou reflexão sobre o papel que os macacos, enquanto espécie, desempenham em Gibraltar.

Sim, há uma atribuição de características humanas e até de peixe ao macaco, aparecendo quase como uma sereia-macaco-de-gibraltar am alguns momentos da exposição. Esta ideia foi surgindo quando me apercebi

do quão interessante seria a possibilidade de assentar a evolução de um domínio político na reprodução de um macaco. E quando vejo isso como uma trajetória quase “anti-darwiniana”, abriu-se espaço no meu imaginário para re-interpretar o leque de possibilidades que o macaco pudesse configurar, daí transformar-se em peixe, fazendo a trajetória da evolução das espécies ao contrário, da terra para o mar. Quando pensei neste projeto pela primeira vez, após ler Ferreira de Castro, comecei a pensar no que aconteceria se os macacos tivessem autonomia de escolha para decidirem beber, fumar, dançar, e praticarem um *lifestyle* que fosse a antítese do propósito da sua existência: manter aquela ordem política específica. Imaginar os macacos como um grupo de hedonistas, sedutores, e até com impulsos auto-destrutivos seria para mim um bom princípio para um projeto.

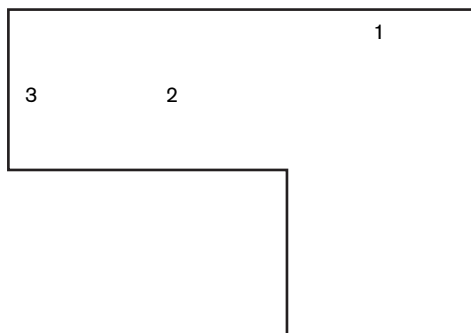
São macacos diletantes? Perguntamos-te isto porque há uma certa narrativa de diletantismo que parece atravessar o teu trabalho, não só em Super Gibraltar como também em trabalhos anteriores...

São macacos que parecem não ter atividade alguma para além de se dedicarem ao seu prazer e a viverem elegantemente no seu rochedo. Nesse sentido são uns diletantes sim, mas também uns sedutores! Tenho uma certa admiração por vários autores que eram eles próprios considerados diletantes. Penso que essa palavra tem ganho conotações negativas no contexto artístico. Fazer as coisas por puro prazer, como ética, pode encerrar em si uma postura bastante política. Também me interesse por figuras históricas que se isolaram no seu mundo esteticizado. Um exemplo disso é a transformação que fiz da minha casa no bairro da Malagueira, que viaja para a Papua Nova Guiné (trabalho que apresentei nos prémios EDP): comecei a desenhar estudos arquitetónicos (numa postura também ela um pouco diletante), quando me apercebi que desenhar poderia ser o resultado da construção de uma performance, neste caso a de um arquiteto, ou arquiteto amador, diletante, que pudesse ser tão credível como qualquer outro da história. Nesse sentido apercebi-me que não poderia ser um arquiteto sem ter um manifesto escrito (até porque os grandes arquitetos do século XX eram essencialmente escritores, de Le Corbusier a Venturi, ou de Peter Cook a Koolhas), uma cadeira desenhada (porque todos os arquitetos devem ter uma cadeira icónica) e uma carrada de estudos para edifícios ou casas ou seja o que for; não seria, nem é, difícil para mim esse trabalho, gosto de o fazer genuinamente, diletantemente e delirantemente.

Pelo que dizes, o diletantismo parece existir como narrativa, enquanto a arquitetura ocupa um papel mais estrutural na tua prática; acaba por ser um substrato a partir do qual tens vindo a construir (a edificar) um corpo de trabalho. Um terceiro elemento que nos parece interessante tornar explícito quando se discute o teu trabalho é a figura da ironia, não como narrativa ou estrutura como nos casos que mencionámos anteriormente, mas como ferramenta de trabalho. Existe sempre uma postura irónica, onde o humor também não anda arredado, no teu trabalho. É intencional?

Sim, por exemplo, no fato que fiz para o manifesto, tentei que a estrutura ficasse abusivamente elegante, com a letra de uma música da Edit Piaf disposta em forma de um ninho de cobras azuis, apresentado como se fossem nomes de *promenades* (*promenade de rien de rien*, etc...); queria que o fato parecesse um possível mapa para Paris. Obviamente rio-me bastante quando faço os trabalhos, imaginar destruir parte de Paris, como Le Corbusier propôs no plano Voisin, e substituir essa parte destruída com uma imagem baseada em duas figuras boémias da cidade é razão suficiente para me fazer rir. Isso não significa que não goste de Piaf ou de Cocteau, pelo contrário, mas superiorizá-los a esse extremo parece-me deliciosamente absurdo. Li uma vez um texto sobre Pancho Guedes onde era dito que ele considerava que se “estamos a fazer alguma coisa e não nos rimos, é porque algo está errado”. Não penso que a arte tenha que arrancar gargalhadas, mas a mim é naturalmente difícil não o fazer. Normalmente preciso que isso aconteça para perceber que estou a ir na direção certa. O que acho que por vezes acontece no meu trabalho, ou pelo menos é um objetivo meu, é conseguir explorar o ridículo através de uma forma séria. Conseguir que o desenho que está na exposição pareça mesmo uma super-estrutura arquitetónica possível de edificar no topo de Gibraltar a forma de um macaco-sereia só é possível se o desenho ou imagem for estruturalmente credível. Lembro-me que o meu pai tinha um poster do projeto do Cassiano Branco para a Costa de Caparica. Isto não são só referências que estou para aqui a despejar. Gosto de planos utópicos, e gosto de subverter o positivismo do mundo da arquitetura. Cresci com o histerismo da construção da Expo 98. Fiz férias durante 15 anos no sul de Espanha e assisti à expansão da construção imobiliária que, anos mais tarde, entrou gravemente em crise, ao ponto de existirem bairros absolutamente inacabados e absolutamente fantasmas. Vivi em Londres durante a histeria da construção da Vila Olímpica, espaço cujo acesso se fazia através de um centro comercial, idêntico ao que aconteceu na

Gare do Oriente com o Centro Comercial Vasco da Gama e que, no caso da primeira, causou a revolta na comunidade/negócios locais em Stratford. A megalomania na arquitetura atrai-me como tema. Não trabalho só sobre isso. Mas é um tema que me atrai e merece ser subvertido. O engrandecimento de uma estrutura arquitetónica em Gibraltar parecia-me necessário para metaforizar uma ideia de continuidade do império que é questionada e naturalmente humorizada no projecto.



1
Super Gibraltar I, 2015
DV Pal cor, som, 10'54''

2
Super Gibraltar II, 2015
tinta da china e tinta da china colorida sobre papel, agrafos, cabides,
tubo de antena, cabo de aço
dimensões variáveis

3
Super Gibraltar III, 2015
grafite, marcador e papel vegetal sobre papel
140 x 290 cm

#kunsthallelissabon

luís lázaro matos

super gibraltar

16.10. – 19.12.2015

A Kunsthalle Lissabon apresenta *Super Gibraltar*, a primeira exposição individual de Luís Lázaro Matos em Portugal.

O interesse de Luís Lázaro Matos por Gibraltar surge através de um texto de Ferreira de Castro publicado na revista *A Volta ao Mundo* em 1942, no qual o autor explica de forma eloquente a existência de uma crença que afirma que enquanto o macaco-de-gibraltar se mantiver naquele Rochedo, o território manter-se-á sob domínio britânico.

O macaco-de-gibraltar (*Macaca sylvanus*) é um macaco do Velho Mundo que se encontra atualmente em algumas zonas reduzidas dos Montes Atlas, no norte de África, e no Rochedo de Gibraltar, no sul da Península Ibérica. É o único primata, além do homem, que pode encontrar-se atualmente em liberdade na Europa.

A superstição narrada por Ferreira de Castro, ligando de forma aparentemente inexplicável ecologia e geo-política, reconduziu Lázaro Matos a uma ideia que tinha já explorado anteriormente, a de um futurismo reprodutor, ou seja, a ideia de que o futuro (ou a manutenção de um presente) depende de um processo fundamentalmente biológico, a reprodução. No caso concreto de Gibraltar, e da sua crença, o estatuto político do território encontra-se assim dependente de um animal que, ainda que sendo um primata e por isso próximo do homem, é fundamentalmente irracional.

Luís Lázaro Matos (Évora, 1987) vive e trabalha em Lisboa.

Estudou Pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Art Practice no Goldsmiths College, University of London. Das suas exposições destacam-se One! Two! Three! Position!, Hinterconti, Hamburgo, Alemanha (2013), Houses on Punta Massulo (Houses for Exile), Neoterismo! Tomazou, Nicósia, Chipre (2013), "Ein Raum und der hatte keine Richtung", Echoraum, Bundeskunsthalle, Bona, Alemanha (2012) e apresentou Models for Solitude no Old School, em Lisboa (2014). Foi nomeado para a edição de 2013 do Prémio Novos Artistas da Fundação EDP

#kunsthallelissabon

Rua José Sobral Cid 9E
1900-289 Lisboa, Portugal

www.kunsthalle-lissabon.org / info@kunsthalle-lissabon.org / [#kunsthallelissabon](https://www.instagram.com/kunsthallelissabon)



fundação

